

FANTOCHES

BASTIDORES DA POLITICA E DOS NEGOCIOS

DIRECTOR E EDITOR

ROCHA MARTINS

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO, Rua do Alecrim, 65 — LISBOA — Telefone 2440-C.

Resposta de sargentos á carta aos generais

**Os subalternos e os seus chefes — O que se
passou com o exercito espanhol — Desfazendo
malentendidos — O militar de que se carece
— Os civis necessarios á obra nacional**

V. apela para os generais portuguezes — ou antes faz-lhes perguntas — ante a attitude dos seus camaradas espanhois e apparecem a responder-lhe alguns sargentos. Trocamos impressões e estamos de accordo unanime, sem discrepancia, na resposta a dar-lhe. E' preciso contar comnosco mais do que com os generais. Em Portugal quando se chega a este posto apenas se apetece a reforma. Ha tantos generais reformados que formariam um batalhão, como ha almirantes, vice-almirantes, coronéis na mesma situação. A reforma é o que eles desejam e quando estão prestes a alcançá-la não se metem em aventuras. Para quê? Se tem o resto da vida garantido!

Agora, nós, classe sem regalias, preterida sempre pelos que veem das escolas livres dos trabalhos que passamos nos regimentos, nós é que temos de actuar.

Depois — é preciso que V. o saiba quando fala dos subalternos a tomarem o lugar dos chefes — os sargentos de hoje também veem quasi todas de escolas varias, da Casa Pia, dos Pupilos, dos liceus onde não acabaram cursos por infelicidades ou desastres, e tem uma visão dos acontecimentos bem diferente da maioria dos seus superiores. Já a *Republica*, ha dias, desdenhosamente, falava numa ditadura de sargentos com o ar horrorisado de quem receava um golpe bolchevista, por partir de tão baixo, V. embora não mantenha esse pavor, avisa os generais de que outros tomarão os seus logares, se eles não se moverem e

parece acreditar num entendimento de subalternos para a salvação necessaria e redemptora deste país carecido dum golpe para se lhe extirpar a sua masela. Pois bem, não se assuste como a *Republica* e creia que é em nós, humildes do exercito e das profissões, que ha mais a consciencia.»

Assim o reza a carta cuja assinatura é esta: «*Um grupo de sargentos.*»

Ah! É verdade: previnem-me, tambem, que não são partidarios.

O que anseiam é por um golpe. Eu tambem.

Ha, porem, uma pequena diferença certamente entre a minha maneira de vêr e a deles. Apesar de os saber educados, de conhecer as suas origens, de os filiar numa classe de estudantes sem os preparos dos officiaes mas com maior pratica, eu, habituado ao predominio das hierarquias, não confio muito nas suas boas esperanças assim apresentadas.

Os sargentos ignoram tambem uma cousa que no meu ánimo largamente se estabeleceu como uma certeza, como um axioma. E' que nem mesmo as ditaduras de generais me encham cabalmente as aspirações. Quando se apela para um chefe de exercito é no intuito de ele, montado no seu cavallo, trazer para a rua as tropas e manter a ordem. Evita-se com a sua acção a balburdia dos civis pegando em armas, e, o que é peor, guardarem-nas para futuras revoltas; acaba-se com a interferencia da rua nestas pugnas, liquida-se o curso de revolucionario civil, isto é, fecha-se a Universidade da Brazileira. Não sei se os srs. sargentos já repararam que equivale a um curso, e dos bons, essa cousa de ter andado de espingarda em bandoleira — a maioria tem medo de disparar — ou de ter agarrado numa bandeira ao som dos vivas em dias de tumulto. E' a senha para um emprego. Como em Portugal tem havido desde ha 13 anos, trinta e tal movimentos revolucionarios, eles constituem a razão logica para a superabundancia de funcionarios que possuimos, ou antes que nos possuem. Pois bem; com esse gesto do general poupa-se a nação a alargar os quadros, o fabrico de mais decretos e mangedouras.

Um exercito, em ordem, com os seus officiaes, os seus sargentos, tudo isto pronto a agir como se fosse para uma formatura, ás ordens dum militar prestigioso, equivale á propria consciencia nacional manifestando-se. O resto é a balburdia, é a desordem, é uma agitação de candidatos a um logar de amanuense. Em Portugal as revoluções deixam-nos sempre peor do que estavamos. Porquê? Ora porque não tem finalidade, projectos, maneira, não correspondem a sentimentos, ou antes às necessidades nacionaes. Por isso se perguntava aos generais portuguezes o que fariam ante o gesto de Primo de Rivera mas se lhes limitava a acção. Sim — amigos sargentos — é que o general espanhol excedeu-se, foi alem do que lhe compete. Impôr a um rei uma ditadura do exercito, um conselho de generais para sustentar o prestigio do país, é dizer-lhe que ele tem tolerado todos os horrores que assacam aos ministros decaídos e aos altos funcionarios demitidos: as extorsões do Alba, as prodigalidades de Silvela, os abusos dos outros, dos politicos corruptos — segundo a frase do general — e que eles desejam expulsar para sempre dos negocios, como se em Espanha, para se ter honra, seja necessario vestir uma farda.

Não; não é isso o que se solicita, uma casta predominando com todas as suas audacias e com a sua psicologia do mando. O que se

precisa é essa casta mantendo a ordem e á sua sombra deixar governar quem de direito. Já se vê que não se trata de partidarios, dos cor-religionarios dos diversos agrupamentos e dos varios crédos existentes neste país, mas dumas duas duzias de homens, livres dos preconceitos e dispostos a jogar a vida, que compreendam ser inteiramente economica a questão que se debate e pretendam resolve-la não contra este ou contra aquele, mas pelo justo, pelo rasoavel, pelo equilibrio, fazendo uma politica de rapidez e audacia em terra habituada a vêr como resultado das revoluções apenas alguns cadaveres. Até agora elles tem dado uma chacina de homens, vinda desde o de desconhecidos, de anónimos, até aos de vitimas illustres. No futuro — a continuar-se como até aqui — o cadaver a aparecer é o do país.

Longe de mim — senhores sargentos — querer produzir um efeito de retorica. Escrevo com a convicção e a serenidade dum homem que apenas lança avisos e aponta erros, que coloca acima de tudo a nação e não tem o menor geito para a politica tal qual se tem feito nem a menor ambição diante daquela que aconselha.

Ora essa politica — esse ressurgimento, esse adejo do monturo para o espaço — não se faz com o dominio de militares mas tambem não tem o exito desejado sem a sua intervenção directa e numerosa. Claro que não é possível — como se julga ter sucedido em Espanha — a adesão total do exercito a um movimento desta ordem; com certeza apparecerão as discrepâncias e as balas, mas tambem é melhor assim para não se cair nalguma surpresa dessas a que está sujeito, sobre a qual caminha Primo de Rivera.

Um acto desta natureza carece imenso dos sargentos mas não pode ser dirigido por eles. Tornar-se-ia numa balburdia mesmo ante a sua melhor vontade e patriotismo. Quando outro dia escrevi que Mussolini nunca passara de cabo de *bersaglieri* não quiz consolidar um *soviet* de anspeçadas nem aconselhar uma politica totalmente igual á sua. Pretendia demonstrar que ante a falha dos galões surgirão subalternos e expôr qual o genero de movimento a realisar. Tambem não desdenhei dos sargentos, longe de mim a ideia da sua inutilidade; entrevi apenas a sedição comandada por eles ante a inactividade dos seus chefes mas não conclui a que ela nos arrastaria.

A primeira condição neste momento para se impôr ao respeito e á atenção, até mesmo ao sacrificio dos portuguezes, é ter autoridade. Ela parece falecida. Como se sabe vamos num descabro por falta de aptidões governativas, por egoismos ferozes de comerciantes, por ganancias ignobéis que conduzem aos peores tripudios. O homem de autoridade moral que appareça, guardado por uma espada e algumas baionetas, e o problema estará resolvido. Essa espada será a da Justiça, essas baionetas as da Ordem sem a qual não é possível trabalhar e, meus amigos, ha imenso que fazer.

Só a rebusca dos crimes cometidos contra a patria carece de larga atenção, pois são imensos e entre elles estão os defraudamentos da rota tomada aos alemães, a sua exploração, o seu quasi total desaparecimento, estão as exigencias mentirosas feitas por companhias africanas á comissão de reparações por valores que não se perderam na guerra, estão as burlas, estão as infamias. Porem, ao mesmo tempo, é necessario que outros homens vão construindo, levantando o edificio, cimentando o crédito, restabelecendo a moralidade, sacudindo dos logares os incompetentes e

criando fontes de receita, por processos equitativos, as quais não são difíceis de encontrar desde que haja ordem e autoridade.

Sem ela tudo isto é inane. Aparecerá mais uma bulha no país. Não sei ainda, neste momento, em que a obra de Primo de Rivera, é duvidosa e vai fracassar em seus intuitos por a ter entregue a militares, o que per sam os generais portuguezes. É crível que tenham a unica aspiração que o grupo de sargentos — meu correspondente — lhe imputa. Se é assim não quero ir perturbar-lhes mais a tendencia para o chinelo de ouro e para as digestões felizes da reforma mas tambem não quero descrever do resto dos officiaes. Isso entraria no meu espirito como a idea tenebrosa de que só á inactividade aspiram á semelhança dos seus chefes. Encontrar-nos-hiamos apenas, com os sargentos e com mais um grande problema a resolver. Que diabo se havia de fazer dos officiaes?

A visão rapida de uma demissão em massa surge-me na retina com a passagem dos brilhantes uniformes para o avental dos criados de café. Mas não; desde que os inferiores vibram os superiores não deixarão de sentir o mesmo e por isso de aparecer nas classes agaloadas. Os sargentos sósinhos não se poderiam entender dada a egualdade de divisas.

Mas fica do mesmo modo, sem um chefe de exercito — dir-me-hão os sargentos — e eu responder-lhes-hei. O chefe do exercito será aquele official, um capitão, um major, que o conquistar. E se quizer-mos um general . . . promovel-o-hemos e enchemos as vagas dos medrosos com os valentes, pois são eles a garantia do exito, desde que não tilintem muito as espadas para não perturbarem os civis que trabalham.

O carroceiro Marat e os agressores

A policia e a reacção — Onde se trata um caso nefando — Um carroceiro à luz da politica — As providencias salvadoras — O futuro dos Costas.

Dizem os jornais:

BARREIRO, 21 — Quando, ontem, o carroceiro Marat da Costa Deitado seguia com o seu carro pela rua Miguel Bombarda, foi atado pelos policiaes, em serviço da Camara Municipal, n.ºs 884 e 1.366, por ter transgredido as posturas municipais.

Como quer que o carroceiro ripostasse, em termos que exasperaram os referidos policiaes, estes desembainharam os terçados e applicaram-lhe uma valente sova.

O senhor governador civil, cujos sentimentos republicanos estão em demasia á prova, bem como os do senhor comandante da policia, devem castigar imediatamente os seus subordinados não só porque foi uma agressão a um individuo indefeso, mas ainda porque se trata de uma figura de sentimentos eguaes aos seus.

Um homem que se chama Marat não pode ter as ideias dum que se chama Arcanjo e isto é tanto assim, os nomes tem tal influencia nas existencias que já Camilo dizia, ácerca de Herculano, que se ele se chamasse Zebedeu jamais poderia ter escrito o *Monge, o Bobo*, as suas obras primas.

Tanto pensaram assim, em Portugal, os republicanos que houve quem mudasse de nome. Certo Vassalo passou para Liberto e certo Real quiz dar-se ao luxo de lhe chamarem Irreal, o que não lhe consentiu a esposa receosa de que a ignorancia fizesse suposições erróneas.

Passou, então, a apellar-se de maneira menos reaccionaria: Alfredo José da Reabilitação, eis o nome que se inseriu no *Diário do Governo*, aí por 1911; quando o sangue nacional cachoava em civismo.

Isto, porem, vinha a proposito do Marat agredido e que, embora seja um pobre carroceiro, nem por isso deixa de usar o nome do mais querido dos panfletarios da revolução.

Espancar um Marat, — applicar-lhe uma valente sova — é assim que se exprimem os jornais numa prosa embora longe de classica, é fazer afirmações de deslealdade ao regimen.

Vejamos porem a que ferrenha sanha, contraria ás intuições, obedeceram ainda esses agentes da lei, mesmo depois de o saberem protegido por seu nome de Marat. Descadeiram no e não ignoravam que ele—alem de Marat—tambem se chamava Costa.

Espancar um homem com tais resonancias de apelidos e nomes é cometer um verdadeiro atentado contra a Constituição; é como se puzessem em arnica o senhor Afonso Costa, que não é Marat mas vale-o muito bem, excepto quando escreve.

Esses guardas—dirá naturalmente o *Rebate*—pertencem à camada dos que não comprehendem a sua missão civica, são restos dos servidores da monarchia ominosa os quais não poupam jamais os bons republicanos. Eu concordo absolutamente. Gente de outro partido, de mais amor ao regimen, deixaria Marat em paz ou antes far-lhe-fa a continencia mesmo se ele faltasse ás posturas.

Este Marat da Costa, carroceiro se não é uma personalidade virá fatalmente a subir porque tem pela ancestralidade do nome, direitos, pela chancela da dinastia Costa altas qualidades e por seu officio está mesmo apto para guiar esta carroça estadual. Tocar-lhe é ofender os principios, é feri-los, é aniquila-los e as instituições abalam-se ante o desprestigio de seus vultos. Os pais quando põem nomes aos filhos dão-lhes escudos para a existencia ou anjos da guarda ou personalidades que exprimem suas ideias. Este Marat deve ter sido objeto de grande desconfiança no tempo dos reis; este carroceiro devia ter sofrido pelo nome e pela correlação nas cousas de seu mister com o outro, que, como se sabe era medico das estrebarias do conde de Artois.

Com certeza que os policias não mais farão partidas deste jaez, desde que eu revelo aqui o caso nefando.

A Marat da Costa Deitado—este ultimo apelido deve ter-lhe sido colado após a sova—deve-se uma reparação pelos tormentos sofridos e pela inversão de que foi alvo. No fim de contas,—a terem-se passado as cousas como os jornais relatam—o pobre Marat foi deitado de costas em vez de Costa Deitado e, tudo isto com perversidade e com arrojo inaudito.

Se os agressores de Marat teem a sorte do assassinio de Sidonio, apavoramo-nos ácerca do futuro dos Costas, mesmo dos que se julgam em pé.

Como se engendra um "sans culotte"

Um artigo e um comentario — Como uma frase
 gera uma resposta larga — Trechos calmos
 duma agitada pena — Barras e a sua côrte?
 — Os dois de Inglaterra

Eu nunca vira «o esgadanhar convulso dum *sans culotte*»; conhecia dessa tão curiosa fauna da revolução francesa a sua sêde de sangue, a loucura colectiva, o patriotismo rubro, as tiradas embofientas, os seus grotescos crismas de banais Poirier, Marchand e Poisson em Scipiões, Scevolas e Cornelios.

Enquanto á litteratura não achava muito de desdenhar os versos de Chenier, os discursos de Mirabeau, as paginas panfletarias de Marat, apreciadas dentro da sua epoca e por um criterio exclusivamente de escritor. Em todas elas passam imagens, pensamentos, conceitos em haustos, em rufos, em dilaceramentos. Legaram á historia litteraria, cada um deles, ou uma rima, ou uma frase ou um arranco como á historia politica deixaram um mar de sangue. Era a esta onda horrenda, terrivel e galgante, mais do que aos trechos teatrais daqueles autores, que os fidalgos, suas vitimas, deviam chamar: «o esgadanhar convulso de *sans culotte*».

Pois é do mesmo modo que o *Mundo* classifica um artigo do senhor conselheiro Bernardino Machado e a não ser que a elegancia de maneiras, mais que de estilo, do novo chefe do Estado, signatario das *Cartas sem moral nenhuma*, tenha influido na factura e no critério do velho jornal jacobino e implacavel, mal se comprehendem as razões de semelhante frase.

Enchi-me dum desejo de saborear esse petisco novo, de o cheirar, com seus temperos e entrevi o ex-presidente da republica de barrete frigio na cabeça desalinhada, cachimbo nos dentes, á Simon, a barbicha besuntada de sangue, como as sêdas dos gatos brancos após o repasto do bofe, a *carmagnole* cintada por uma correia onde se entalavam pistolões e assim, táirocando, pelo Bairro Alto, á frente dos radicais, em trajos e coberturas associadas ás suas, ele escandalisava os amigos do senhor Teixeira Gomes, os proximos aulicos de Barras, visconde do mesmo titulo, dispendioso e elegantissimo director da republica francesa, pai putativo dos *incriveis* e das *maravilhosas*, deste terceiro sexo republicano, androgino e lesbico, pegoso e requebrado que só um golpe de sabre deslanguinou.

Corri, pois, a inteirar-me das frases desbarriguilhadas a ponto de ofenderem quem aplaude as letras do plumitivo do *Agosto Azul* e devorei, numa desilusão, os dizeres bernardinicos, no fundo da *Patria* expressos. Fiquei com a cara dum guloso a quem indicam uma iguaria *faisandé*, e, no fim, dão sardinhas albardadas. O artigo era uma empada de bacalhau doutrinário com a pimenta da birra. Daí até ao que eu imaginava, deste prato a um acecipe vai a distancia duma ironia a uma brutalidade.

Naturalmente, o *Mundo*, queria os refinamentos delirantes do senhor presidente eleito, em Sevilha, os espasmos e as tonterias na prosa do senhor conselheiro, uma deliquescencia entre arroubos faunicos num fundo de jornal sério! Confesso que fiquei desapontado ante tanta doutrina quando ia preparado para a diatribe.

O senhor doutor Bernardino Machado acha contrario aos principios republicanos um presidente sem tirocinio politico e conclue haver maior razão na chefia do estado por um principe, mesmo filho segundo, numa dinastia nacional.

«*Que differença ha entre um filho segundo do rei, — pergunta o articulista — que os azares da hereditariedade, na falta do primogénito, ergueram improvisamente ao sôlio monarchico, e uma figura secundaria da scena publica, que as auras eleitorais, soprando de qualquer conciliábulo prepotente, levaram de subito, com surpresa geral, ao fastigio do governo do Pats? Filho segundo da Republica, não oferece muito maiores garantias. E o segundo genito régio ainda tinha por si um privilegio legal.*»

Enquanto ás vantagens do seu soberano para a profissão educado, sobre um adventicio plebeu, exprime-se deste modo o caudillo republicano:

«*No antigo regime, a capacidade politica do imperante era inata. Vinha-lhe do berço. O direito divino consagrava-a. O herdeiro da corôa nascia já com a vocação do mando.*»

Até aqui não entrevejo «o *espadanhar compulsivo do sans culotte*»; aprecio apenas as frases penteadas dum autentico conselheiro da corôa e se o *Mundo* lhe exige ainda mais compostura, passo a considerar-me vermelhissimo ante o desfalecimento republicano do orgão do sr. Teixeira Gomes.

Atirar ás frases que aí ficam áquela apostrofe é desvairar.

Fui seguindo, já sem interesse, as colunas que o articulista assinou e caminhava da decepção para o logro, da desilusão para o aborrecimento, pois não encontrava a obra do jacobino, antes se me revelavam, em toda aquella ponderada composição, as conclusões dum cidadão, preferindo a um presidente sem «o tirocinio politico», colhido «na arena ardente das reivindicações nacionais» um individuo de sangue real preparado para a chefia do paiz.

Aquele *sans culotte* surgia conservador, quasi roçava pelo legitimismo desde que... «não puzessem á frente da nação os melhores portugueses».

Continuei na rebusca do escandalo, da frase que desse motivo

aquela designação do *Mundo* e só encontrava a mesma cousa: a lógica duma liga de ovo com o bacalhau; a dum principio com um despeito, naquele bolinho, alourado a fogo lento, que era o fundo da *Patria*.

«Elevado ao marechalato político um cidadão que em nenhum notavel debate nacional interpeiu, se estreitou sequer, destacando pela largueza e elevação das suas vistas e dos seus planos, é incomparavelmente mais arriscado do que entregar desastrosamente a condução técnica duma grande empresa a quem nunca atestasse, por trabalhos de valôr, a sua distinta capacidade profissional.

O desconhecido da véspera só em circunstancias extraordinarias se transforma de repente no triunfador do dia, levantando-se empolgantemente sobre a onda irresistivel do entusiasmo popular. Normalmente a carreira politica é longa. Pela porta dos comicios e da imprensa se entra no Parlamento. E entre parlamentares se recruta o ministro, o presidente do ministério e o presidente da Republica. É a escala. O ministro que não é parlamentar, tem de submeter-se á sanção da urna. E, se no nosso regimen republicano, a eleição presidencial não é directa, tem de ser indirectamente a expressão, a interpretação leal, do voto popular. Não ha de opôr-se-lhe, contraditá-lo. O Parlamento não tem o direito de desprezar a opinião publica, elegendo arbitrariamente, autocraticamente, para a suprema magistratura, quem não tenha sido por ela indigitado na lista de honra dos seus genuinos candidatos.»

Mas nem assim topava o sanculotismo, essa destacatez rubra em que se amassava o odio no sangue. Sentia como a queixa funda dum homem que possuindo o «tirocinio politico», o tal «colhido na arena ardente das reivindicações nacionais» via um «desconhecido da vespera» guindado por uma «eleição arbitra e autocratica».

Um grande desalento me invadiu e como um comedor de paladar apurado, que se convida para o Tavares e se leva á Cosinha Económica, eu já desistia de encontrar o *Sans culotte* e o seu «esgadanhar convulso» quando compreendi as razões porque o *Mundo* o encarapuçava no frigio, o amortilhava na *carmagnole*, o punha a cantar as velhas satiras raivosas com indecencias intercaladas ao Capeto, ao rei.

Quasi no fim do artigo, na crosta do pastel succulento, mas sem o puxavante anunciado, lá vinha a canção contra o soberano que o *Mundo* reconhece e contra o Supremo Architecto que maquina toda a vida nacional, autor do Cãos, do qual não saímos, embora o seu gerador se tenha posto, desde o inicio, a descansar, não aguardando o setimo dia biblico. Sim, porque o senhor Afonso Costa, foi o Creador do Cãos e é Deus para a rua de S. Roque. É o Rei dos Reis, para as adjacencias e seu eleito — o senhor Teixeira Gomes. Perante tais categorias o ex-presidente da republica cometeu o negro peccado de jacobinismo, de *sansculotismo*, de plebeismo infecto, desde que chamou a um «antigo governante conspirando lá fóra» e ao seu representante, ao seu eleito, ao seu *proposto*, individuo «unicamente sustentado pela facção» daquele, apresentando-o a principiar a crise perturbante de dominio dos novos ricos da politica, ao lado dos novos ricos da finança.

Para o *Mundo* a primeira parte deve ser, na realidade, iconoclasta; a segunda duma singular demolição só propria dum pata ao léo, dum

sem calções. Ao falar «dos novos ricos da politica» ele, embora, pese ao *Mundo*, tem o ar dum burguês, à Perier, diante dum adventicio à Faure; ao tratar «dos novos ricos da finança apresenta o desdém dum senhor de 70 contos de renda antiga, embora ganhos no commercio das manteigas, ante um recémchegado ao negocio dos figos e dos tomates e que agenciou muitos milhões dos modernos escudos.

Para mim isto pode representar mau humor, até despeito se quiserem, mas está muito longe do anunciado «esgadanhado convulso».

O senhor conselheiro Bernardino Machado, ao dizer aquelas verdades dictadas pela sua consciencia em colera — a colera é como o vinho, ressuma a verdade que a delicadeza fria cala — não fez um gesto irreverente. Limitou seus costumados sorrisos e cumprimentos. Encarrancou; ficou de chapéu na cabeça. Repito, que se é aquele punhado de verdades aparecidas, nesse artigo do ex-chefe de estado, a razão dos attributos que lhe lançaram, eu — que tanto tenho combatido o antigo republicano melifulo e seu barrete frigio, enconçado de rebuçados nem sempre de bom ponto — passo a consideral-o um combatente de principios, moderado em expressão, embora severo em doutrinas.

Só isto e nunca o *sans culotte* a não ser que, na verdade, Barrás rodeado pela sua côrte de guindados, de alçapremados, vá habitar Belem.

Depois, naquele artigo ha ainda uma parte azeda, profunda como um tonel de vinagre, mas que traz tambem, o cunho indiscutivel de uma verdade dulcissima, no paradoxo mais extranho que é possivel imaginar-se.

E não ha posto, seja embora o centro principal das nossas relações externas, que infunda no seu titular, privilegios politicos. Se alguém imagina que basta a um diplomata tratar com o governo duma grande potencia para ser logo investido pelo influxo soberano dessa nação em dirigente de Portugal, lamentemo-lo, porque isso não é senão ainda um sobrevivencia do triste espirito de vassalagem de que tanto enfermou a Monarquia e que tanto mal ainda continua a fazer na Republica.

Tudo isto é com o senhor Teixeira Gomes e com a Inglaterra, mas embora aggressivo, não é ainda motivo sufficiente para a chancellia jacobina que lhe colaram no impecavel frack.

É certo esse «espirito de vassalagem», tanto que para se fazer a republica lá se foi *bater a cabeça* como os negros ante o seus senhores, tanto que se lhe sacrificou em vidas mais do que reses nos altares de Moloch, como diria o articulista da *Patria* em dias de mais pavoneamento literario, e só teria que felicital-o pelo desassombro se... se... não fosse isto uma contenda entre uma ambição castigada e outra em vespas de castigo.

Mas daí até ao esgadanhado vai a distancia de uma envio de testemunhas a uma briga de carroceiros.

As "donzelas da" marinha inglesa e seus olhos de "ingenua"

Apreciação dos marinheiros britânicos, por
M. Teixeira Gomes

O senhor Teixeira Gomes, presidente eleito da republica portuguesa, pertence á Historia e como tal nenhum dos seus actos e gestos deve ser extranho aos seus contemporaneos nem deixar de se arquivar para a posteridade.

Quiz o governo ingles pôr ás suas ordens o cruzador *Carysfort* o qual o conduzirá a Lisboa. E' justo, pois, recordar a sua primeira visita a bordo de um desses barcos, na bahia de Lagos, em 1904, quando sua excelencia ainda longe da republica e suas pompas, parecia já preadvinhar o futuro emquanto ás honras que lhe julgava devidas e ao mesmo tempo é curioso reproduzir as suas notas acêrca dos marinheiros britânicos que hoje o saudam e disparam os canhões de *Carysfort* em homenagem ao seu antigo analisador, o qual os descreveu em termos que merecem ser conhecidos, afim de se vêr como apreciava os soldados da sua tão amiga Grã-Bretanha.

Fantoches, vai, pois vulgarisar um conceito para a Historia inserto a pag. 123 e seguintes de um livro do senhor M. Teixeira Gomes, intitulado *Agosto Azul* e cuja tiragem foi acanhada.

A VISITA Á ESQUADRA: OS CÃES ESFAIMADOS

«Vamos visitar a esquadra inglesa do Mediterraneo que ancorou hontem na bahia de Lagos.

«A um marujo ruivo, com o torneado arcabouço de pião, que assomára ao bote e ficou debruçado, a meio corpo, damos-lhe vinho pela borracha. Bebe sofrego e sem geito, com dois fios de purpura a fugirem-lhe das commissuras dos labios até encherem as conchas em que se lhe ageita a carne no vão das clavículas.

Outros querem tambem beber.

Para despachar o meu companheiro abre garrafas de cerveja e

vae-os servindo a dois e dois mettendo-lhes os gargalos pelas bocas escancaradas.

.....
Alguns aboccam, arrepanhando brutalmente os fructos, com o geito comico de cães esfaimados; aquelle chupa demoradamente uma laranja jurada; na testa d'outro esborracha-se um figo inchario . . .

DA REPULSA POR BOMBORDO AOS SNOBS. (pag. 140)

Atracamos ao patamar inferior da escada de estibordo e grito á sentinella que preciso fallar ao official de serviço.

Sem demora o official apparece, rosado e glabro, no seu immaculado uniforme de linho branco, inclinando-se cerimoniaicamente, a inquirir o que desejo.

— «Desejo visitar o barco mas não subo pela escada de bombordo . . .»

O official sorri e fixa-me com curiosidade. Vae consultar o seu superior. Volta. Podemos subir mas sómente eu e o meu companheiro. Á gente dos outros botes que nós seguíram é negado o accesso.

Surtiu o seu effeito a pequenina scena de snobismo a que a alma britanica é tão sensível.

OS MARUJOS DE OLHOS DE INGENU E AS DONELZAS MARUJOS (pag. 139 e 145)

O official, muito amavel, dá-nos um marinheiro com olhos de «ingenua» para nos pilotar. A visita é monotona e aborrecida apesar do empenho que o guia mostra de nos entreter.

.....
Um d'elles, ajoelhado, acorda o companheiro que dorme, passando-lhe a mão pelo rosto e tocando-lhe nos labios com uma maçã. Desperta o outro; ambos comem da maçã e sorriem amorosamente. E' o melancholico idyllo das camaradagens maritimas: os dois córam como donzellas ao surprehender a curiosidade sagaz com que os espiamos . . .

Taes foram os detalhes observados a bordo do *Ravegean* da marinha britanica por aquelle que devia ser hospede do *Carysfort*.

Não quisemos deixar de publicar neste folheto semelhante apreciação porque desconhecida da maioria do povo portuguez, do almirante inglez, do governo aliado, de lord Curzon, que ofereceu um banquete ao grande amigo da Inglaterra, ela explica tão subita e enternecida simpatia.

Começou por oferecer fructas do seu Algarve aos marinheiros para eles morderem amorosamente, corando como donzellas, sentindo-se pudibundos diante dos olhos «de curiosidade sagaz com que os espíavam».

Ha 16 anos o admirador da marinha britanica, o seu hospede de hoje, assim pintava mostrando-lhe toda a profundeza do seu interesse e toda a sinceridade do seu comentario.

De rastos para o Poder

A politica da guerra — Como se chamou Portugal no estrangeiro — Uma combinação tenebrosa — Os resultados da subserviencia — O povo vencido e vexado

Quem vir na eleição do senhor Teixeira Gomes, imposta a um parlamento acochado, mais do que a paga da subserviencia dos portugueses, empregarios da guerra, ante as nações aliadas é um ingenuo.

Esta surpresa foi um golpe meditado. Os homens que veem governar-nos não são mais do que os servos dos países a quem demos o que melhor tinhamos em mocidades e em riquezas em troca das quais recebemos isto: um presidente da república, feito de combinação com o senhor Afonso Costa, e chegado a bordo dum cruzador inglês como era de uso fazer para com os vice-reis do Egipto e para com os perfeitos das ilhas Jonicas, antes destas regiões terem sacudido os jugos.

A guerra na qual estavamos empenhados, em que deviamos ter um grande papel—conforme os pactos de Eduardo VII com el-rei D. Carlos—tornou-se, nas mãos inhabeis dos herdeiros do poder e das cigarreiras do rei assassinado, uma verdadeira calamidade para o país. Não era na Europa o nosso lugar mas em África, defendendo o que nos pertencia, mas os empregarios da «autentica leva da morte» careciam de obter situações pessoais e, então, rastejaram, suplicaram, solicitaram, ofereceram a carne dos soldados em troca dos favores dos estrangeiros.

A republica vivia desamparada lá fora e os seus delegados eram olhados com desdem; tinham tão pouca importancia que o senhor João Chagas não conguiu vêr expulso de França, apesar de o solicitar, o jornalista Homem Cristo, o senhor Augusto de Vasconcelos era alcunhado em Espanha de *El Inocente*, o senhor Teixeira Gomes caíra no ridiculo desde a sua proclamação ao povo inglês e os seus negocios de generos algarvios, o senhor Sidonio Paes raras vezes teve conversações com o Kaiser e na Italia não se afigurava boa a situação do senhor Eusebio Leão. A guerra surgiu e lançaram-se de rastos os que queriam impôr-se.

E eles—os empregarios—foram sobretudo os senhores Teixeira Gomes e Chagas no estrangeiro. Cá dentro, uns na avidez do negocio, outros no da importancia, muito pela aventura e muito pela ideia duma abastança pessoal, actuaram em sentido contrario aos interesses da

nação. Repito, oferecerem o sangue português, Afonso Costa, Norton de Matos aliados com o partido romantico do senhor Antonio José de Almeida, neste caso a fazer as pazes com o seu mortal inimigo em nome do que julgava a gloria nacional.

Por mais que se lhes explicasse não ser aquele o caminho das nossas tropas, mas sim o da occupação colonial, elles não queriam senão que nos aceitassem e ao nosso gado, ao nosso material de guerra, ao nosso esforço, à nossa ruina, que era o bem deles, a sua situação desalugada, as suas atitudes de *parvenus* a serem tomadas em conta.

O país empobreceu; o país arruinou-se; o país esvaiu-se em ouro e lagrimas, mas Afonso Costa, Norton e Chagas tiveram ao peito a Legião de Honra, a fita vermelha com o sangue generoso que elles venderam quando nós o deviamos dar mas para segurar o solo que era nosso.

Houve um momento em que os proprios officiaes democraticos, lançados para a França sem mais cuidados por suas pessoas e suas familias, comprehenderam como estavam servindo ambições pessoais. E, então, alguns, largaram da batalha e vieram a Portugal no intuito de fazer a revolução contra Norton e Afonso Costa. Traziam esse intuito os senhores Sá Cardoso, Joaquim Ribeiro e outros combinados com elementos que queriam, num termidorismo rapido, sacudir a pressão do chefe ganancioso.

Quando chegaram, ainda deram tiros contra quem se lhes anticipara no gesto, contra Sidonio Paes. A victoria pertenceu a este soldado dum acaso feliz e, então, os que faziam da guerra, dos nossos soldados, dos nossos rapazes, dos nossos bens, a sua colheita, vendo fugir-lhes o mando, não hesitaram em difamar. A quem a Sidonio? A ele e a Portugal que o amava.

O ministro em Londres, servindo-se da sua situação, classificou logo de germanofila a revolta libertadora, protestou e disse nas chancelarias inglesas tais cousas contra o seu país que o vencedor o chamou a Lisboa e o guardou, durante uns dias, sob prisão, num quarto do Avenida Palace, até se restabelecer o equilibrio diante do aliado. Depois soltou-o, mandou-o em paz, generosamente, a acabar o negocio de generos algarvios iniciado com rara felicidade e para que largamente serviu a guerra sobretudo na parte relativa à alfarroba destinada ao gado.

Os soldados — já era tarde para recuar — vertiam o sangue; os empresarios enchiam os cofres.

Afonso Costa cedera o aluguel dos navios tomados aos alemães a uma agencia inglesa por uma quantia tão diminuta que mais parecia uma dadia. Misteriosamente se fez o contracto e tão subrepticio ele foi que nem ficou no ministerio o menor documento a validá-lo. Foi um negocio que nós atirou para a guerra e serviu quem andou à volta dele.

Claro que estes obsequios, interesseiros ainda assim, pois dava-se, o que cousa alguma custara de começo, seriam pagos depois. O senhor Norton de Matos encontrou em Londres a boa vontade dos britannicos nos negocios, o senhor Teixeira Gomes do mesmo modo continuou a colocar as suas mercadorias, o senhor Afonso Costa contava com a Furness e, numa colera profunda, por já não poderem dar mais ou negociar mais, depois de terem sacrificado tudo aos estrangeiros difamavam.

Eram socios dos franceses e dos ingleses desabusados a mostrarem-lhe o outro, o vencedor, que não dava mais soldados, diziam elles, que era germanofilo, que não se collocava na posição rastejante que

tinham preferido. Saberiam dizer bem as suas mentiras. A quem prejudicavam? A Sidonio? Sim mas sobretudo a Portugal que desejavam ver miseravel em proveito alheio e . . . proprio.

O que o senhor Teixeira Gomes disse em Londres em relação ao seu país foi gravissimo. Sem isso teria continuado no seu posto em vez de ficar preso, com sentinela nos corredores do seu quarto do Palace. O senhor Alonso Costa, após a sua libertação, esse êrro palmar de Sidonio Pais, soltou a lingua no estrangeiro com a mesma facilidade com que largara os navios à Furness.

Dictou ele proprio uma entrevista para o *Matin*, na qual dizia, entre outras invenções, o seguinte:

— «Mas o que V. não sabe é que mais de cinco mil cidadãos gemem, ha longos meses, nas masmorras portuguezas. Eu acuso os dictadores de os terem encarcerado sem os interrogar, de os terem no segredo, de lhes imporem o regimen e o alimento dos detidos de direito comum, de os mandarem azorragar sob o pretexto de lhes arrancarem segredos de pretensas conspirações.»

Apresentava como estando nestas condições pessoais de categoria politica, mentia, desacreditava o país e insinuava que se pretendiam de preferencia os que se batiam pela França, apontava perseguições dos membros da união sagrada e acabava, assim, pedindo a atenção dos estrangeiros:

«SÓ OS CUIDADOS DA GUERRA EXPLICAM A IGNORANCIA EM QUE A EUROPA ESTÁ DESTES ACONTECIMENTOS.»

O senhor João Chagas dava homem por si. O antigo franquista — que outrora o combatera no *Jornal da Noite* — Paulo Osorio, o qual fazia as declarações que ele não se atrevia a firmar. Tornara-se, o monarquico, no escrivão da legação dos emprezarios da guerra e acusava e explicava, a seu modo, a nossa intervenção no conflito. Aparecera ainda um terceiro auxiliar nessa campanha e, por fim, o presidente expulso que escrevia uma longa carta Lloyd George exprobrando-o em termos sangrentos, como um desiludido a contar com uma protecção decisiva e a ve-la falhada.

São desse documento os seguintes trechos:

«A sua politica — a de Sidonio Paes — é de maior guerra possivel à democracia portuguesa vossa aliada e a de menor guerra possivel à autocracia alemã nossa inimiga comum».

«E' por tal forma extranho que se pergunta se não teria conspirado, ao mesmo tempo, contra nós e contra vós».

A carta é larga e acusadora. Voltava contra a nação as armas de que julgava a dispôr, pretendia que os ingleses o ajudassem a carregalas. Ao *Temps* disse com os germanofilos activavam e acabava justificando a morte de Sidonio Paes.

«Tardando a revolução libertadora, surgiu alguem que vendo todos os poderes concentrados em um só homem, lhe atribuiu todas as res-

ponsabilidades e julgou salvar a pátria e acabar com o despotismo assassinando o deposto.

Ligados nesse odio a quem os desapossava, eles prejudicavam Portugal sacrificado por sua vontade, entregue e amarrado de pés e mãos, apesar da aliada o querer a combater noutra logar e não ter solicitado o seu auxilio. E' o senhor Paulo Osorio que o diz por conta do senhor João Chagas:

«Entramos na guerra por nossa livre vontade. A unica nação que podia exigir a nossa intervenção militar era a Inglaterra e ELA NÃO O FEZ.»

Quer dizer, Teixeira Gomes, Afonso Costa, Bernardino Machado, João Chagas, Norton de Matos, ofereceram o seu país á gula da França como quem lhe entregasse um presente de frutos algarvios, deram-lhe os seus soldados como quem embarcasse algumas rezes. Em compensação receberam benefícios: Dinheiro de negocios, para seus aderentes, condecorações, a indicação para o alto commissariado de Angola, honras e riquezas. Só um, o mais agitado, por ventura, o senhor Bernardino Machado, se sente tão ludibriado, neste momento, como a propria nação; outro, o senhor João Chagas, amuou. Sucede ás vezes isto entre cúmplices quando das partilhas. O resto dos interessados formou um bloco e dividiu entre si o mando.

Os países, diante dos quaes rastejaram, aplaudem-nos e a nação curva-se ás suas ordens. Pagam agora, com uns jantares e uns tiros de peça de seus cruzadores, a ruina do país. Que demónio são algumas toneladas de carvão e alguns cunhetes de pólvora em troca de uma frota que se lhes entregou quasi de graça e dum rastro de sangue e de lagrimas duma raça vendida e vencida á qual querem fazer passar por livre e vencedora?

OS PASSAROS DOS REVISORES

Todos os dias os jornais falam em gralhas e este panfleto de quando em quando, vem inçado desses animais exóticos da fauna tipografica. Assim na pagina 9 do ultimo numero lê-se «Afonso Augusto da Costa nado duque em Ceia», quando se deve lêr «nado em Ceia de que poderá ser duque etc.». Coisas dos vôos largos das gralhas, passaros que a minha espingarda não atinge apesar do seu razoavel ponto de mira.

